

VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONVERGENCIA, O MOVIMENTO LACANIANO PARA A PSICANÁLISE FREUDIANA

BARCELONA, 24, 25, 26 E 27 DE MAIO DE 2023

UMA QUESTÃO MORCEGO.DE COMO ORIENTAR-SE NA ESCURIDÃO.

Luciano.R. Mataluna

Lacan nos seus ESCRITOS 1 (ano 1966), mais precisamente no texto VARIANTS OF THE TYPE-CURE, cita a fábula de Ésope “As Aves, as Bestas e o Morcego”. As fábulas são interessantes pela sua moral, e nesta, conta Esopo, uma guerra teve lugar entre as Aves e as Bestas, certamente por território. As Aves ganharam o conflito, e o Morcego, tendo asas, declarou-se um Pássaro quando lhe perguntaram a qual lado pertencia. Passado algum tempo, nova guerra territorial foi travada e, desta vez, as Bestas ganharam. Quando se perguntou ao Morcego a que lado pertencia, ele respondeu: "Eu tenho asas, mas sou realmente uma Besta, não uma Ave; isso se vê!". Ele se colocava, uma vez mais, do lado vencedor. Finalmente, outra guerra rebentou e as Aves voltaram a sair vitoriosas. O Morcego declarou-se uma Ave pela segunda vez. Perante esta declaração, as Aves disseram ao Morcego, que ele as havia enganado uma vez, mas não as enganaria duas vezes. Como o repreenderam à luz do dia, conta Esopo, e uma vez que o Morcego teve de se mostrar ante seus acusadores, desde então, como resultado da vergonha, ele só apareceria à noite.

Ciência? Psicoterapia? Confissão-Sugestão? Ética?

Estes são os significantes-chave que organizam o congresso em que estamos aqui reunidos. Nesse sentido, vou tratar da relação entre a Ética e o saber. Como diz FOUCAULT, o saber procura sempre estabelecer-se como CIÊNCIA, portanto, este saber não é o que convém à Psicanálise, o que é o mais adequado à Psicanálise, pelo menos no que se relaciona à prática analítica e à transmissão. Não obstante, o sujeito moderno é um cientista e consome ciência, não se importando para onde isso o leve, à semelhança de uma dependência.

Aqui está um problema Ético para a Psicanálise: ficar de fora e assumir os custos que isso implica, ou fazer ciência e estatísticas?

A CIÊNCIA, por sua vez, encerra o saber sobre uma parte do real e estabelece regularidades, leis, encerrando o saber e a persona (as estatísticas são lidas em

termos de indivíduos que responderam à experiência X) (Persona, em grego, significa Máscara) deixando de fora a verdade e o sujeito, pelo menos o singular de cada um, isto é, sem máscaras, que é uma parte constitutiva do sintoma do sujeito, embora não tratada pela ciência.

A CONFISSÃO nos leva a uma espécie de catarse para além da vontade de saber, ou seja, o saber que seria posto em jogo na confissão (o trabalho do padre), um saber que visa desculpabilizar ou reforçar a culpa, a linha divisória é bastante tênua. Não consegue ir além da vontade de saber. Podemos chamar a esse mais além, a verdade e o engano. É um saber parcial, apoiado pela culpa, onde o sujeito sabe o que tem de confessar.

Com isto quero dizer que há saber na culpa! Há saber e perdão. Nem verdade, nem sujeito.

A SUGESTÃO ou a PSICOLOGIA CORRENTE é o saber mais bem-sucedido da modernidade, promete, há uma PROMESSA; a ilusão de gerir o nosso EU com uma série de exercícios; algo como ginástica do EU, onde posso exercitar algumas ideias, o meu ego, para reforçá-lo face a alguns pensamentos indesejados que surgem algures, o fantasma ou as fantasias, sem fazer este exercício egoísta, conseguem impor-se no sistema cognitivo, gerando estados de espírito não-voluntários e indesejados. O discurso da sugestão recorta e concentra-se numa parte da totalidade do real, ou seja, o "Eu", essa parte do nosso sistema cognitivo que carrega um saber, o saber falar, e toma o que se diz pela fala com a literalidade metafórica que as máquinas lidam, ou seja, 0 ou 1, ou preto ou branco. A Psicanálise parece ser expulsa de todos os lados, nasce com a ciência, desprende-se e abre seu caminho naquilo que a ciência descarta, os seus restos inacabados e descartados são a causa do discurso psicanalítico.

Apanha estes restos sem qualquer promessa além de tentar integrar o Real, trata-se antes da forma como joga sua extraterritorialidade, como o Morcego.

O saber psicanalítico é um suposto saber, é um saber fazer com o Real, que pode ser inscrito, como a vida de Édipo antes do seu nascimento, na boca de um certo Tiresias, ou não pode deixar de ser inscrito sob a forma de REPETIÇÃO. Além disso, acrescenta ao campo do sujeito, o Não-saber (Paixão da ignorância) como fundamento de muitas das extravagâncias que acometem o sujeito. Voltando a Édipo, o custo da terrível verdade, já não do saber, sabemos como termina; arrancando-se os olhos e dizendo: "melhor não ter nascido para viver isso".

Esta extraterritorialidade no saber da Psicanálise (e também do sujeito, já que não é mestre do que sabe) não se restringe a ninguém, nem às Aves nem com às Bestas, nem mesmo ao Morcego, uma vez que, sendo descoberto no seu engano, a vergonha só aparece à noite, algo semelhante ao que acontece com o sujeito moderno. As noites são problemáticas, uma vez que aparece o que é descartado à luz do dia.

Os morcegos, tal como a psicanálise, têm um sistema de orientação que depende principalmente da audição, e não da visão. Os morcegos emitem um sonar, emitem sons que depois recebem, são-lhes devolvidos e desta forma localizam-se no espaço com base na forma como os seus próprios sons ressoam, como o emissor Lacaniano, que recebe do receptor a sua própria mensagem em uma forma invertida. Ou seja, o próprio me retorna desde o Outro, me vem do Outro. O que é ouvido, e o que é visto também retorna, é o que é traumático na primeira infância, diz Freud. É o sistema de orientação do sujeito, pelo menos daquele sujeito que ousa pôr em jogo o falar e o dizer, que tem uma direção, que está orientado para aquela rocha viva, ou seja, o trauma dirige o discurso.

Assim, indo ao sujeito, os restos do visto, do ouvido e da noite são difíceis de examinar à luz do dia. Não sabemos o que o Morcego faz, nem sabemos o que o sujeito faz à noite, uma vez que o examinamos à luz do dia, mas sabemos que coisas estranhas acontecem à noite, como não conseguir dormir, sonhar, chorar, etc. Isso configura a política da psicanálise, uma política do insuportável, ou seja, do real.

A psicanálise é às vezes uma Ave, às vezes uma Besta e às vezes um Morcego, às vezes espalha-se como um vírus e às vezes tentamos neutralizá-la na busca de discursos vanguardistas com remédios científicos mas não comprovados, elaborados na urgência que requerem 5 ou 6 vacinas para que ELE/ELA não regresse. Há morcegos utilizados para fins pouco éticos, mas científicos, a ciência trata disso, transformando algo NÃO-ÉTICO em ciência. Há, PORTANTO, morcegos que foram experimentados a nível de massa, ou seja, humanos, e depois há esta variedade de morcegos como o da fábula, que se orienta como o ouvido, com o que ouve, não é pouco, em uma modernidade onde o mal-estar atual, resumidamente, poderia ser expresso por:

"Já ninguém se ouve".

Assim, essa variedade de morcegos que se orienta pela audição e apoia e é o suporte de uma ética que se orienta pelas palavras e aquilo que não pode ser dito pela linguagem, às vezes simplesmente se trata de dizer em ato; que não se é tão animal como se pensa, que ter asas não significa ser uma ave, que se pode voar sem asas, mesmo que seja necessário, ou que a vergonha não faça das trevas o único lugar, continuando com a fábula, Ou seja, não é o saber que orienta o destino do sujeito, embora o condicione, na história da humanidade nunca se soube tanto como na atualidade, e tal fato não resulta em bem-estar. Antes, o saber e a verdade estavam no além e regulavam o além, hoje o saber e a verdade banharam-se nas mesmas águas e ninguém os pode separar.

Como podemos orientar-nos no escuro?

Encontrando nessa escuridão sábia, a bússola do DIGNO como apelido do ético. O DIGNO inclui o temporal e o espacial, o sujeito atual sofre da falta de um espaço e tempo dignos, no cultural, institucional e social que lhe permita orientar a confusão que habita. Lacan, quando fala de Ética no seu seminário (1959-1960), toma Antígona, cujo dilema pode ser resumido como se segue;

As leis da polis (Política) encarnadas por Creonte, que proíbe enterrar o seu irmão *versus* a dignidade do seu próprio Desejo (Antígona) depois de ter perdido tudo.

O dilema continua aberto e atual; As leis "científicas" da polis (Política) que legislam desde...até a *sexualidade versus* a dignidade do Desejo.

"QUEM NÃO OUVI OUVI A SI MESMO, SOMENTE PODE OBEDECER" (Heráclito)

Referência Bibliográfica

- 1- Lacan J - Escritos 1 - Variantes da cura-tipo.
- 2- Esopo. Fábulas.
- 3- Michel Foucault. A Arqueologia do saber.
- 4- Jean-Claude Milner. Para uma política de seres falantes.

